

## ARQUIVOS MESSIÂNICOS EM EPÍSTOLAS DO CORDEL

Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB/PROLING) [linduarte.rodrigues@ibest.com.br](mailto:linduarte.rodrigues@ibest.com.br) \*

*No universo da escritura, a voz é atualização da memória, conservada como arquivo documental, testemunhal, prova de uma existência. São os registros de linguagem que possibilitam o acesso a essas vozes. A epístola ou carta, como gênero textual híbrido, sempre foi um canal bastante difundido como elemento religioso propiciador da interação entre os indivíduos (profetas e seguidores) e os sentidos por eles compartilhados no tocante a mediação: divindade x mensagem x carta x seres humanos. Nesta perspectiva, torna-se importante destacar que no espaço sociocultural nordestino as epístolas messiânicas ganham grande destaque e figuram como folhetos de cordel. Estas cartas/folhetos buscam revelar, com suas vozes, as promessas de um Deus-Criador para com os homens-criaturas, além da disseminação dos julgamentos, na maioria das vezes, ameaçadores. Diante do exposto, percebemos a relevância deste fenômeno, bastante recorrente na sociedade mantenedora dessas vozes. Fenômeno que sugere a abertura de um espaço de observação, reflexão e análise dos arquivos mnemônico-messiânicos que compreendem o acervo de folhetos de cordel produzidos no nordeste brasileiro, recolhidos e catalogados nas décadas passadas pelo professor paraibano Átila de Almeida. Verificamos que estas epístolas atualizam uma memória milenarista, já muito difundida e que se apresenta como pensamento fortemente continuado, uma memória de profecias apocalípticas que asseveram o retorno de um Salvador, o renascimento de um povo perfeito e a vida eterna numa terra santa paradisíaca, esperança de herança dos homens fiéis a Deus. Esta é a promessa divina que se mantém viva e atualizada, dada as condições sempre precárias de subsistência que estimulam estas lembranças e promovem a produção destas epístolas/folhetos, arquivos/escrituras das vozes que ecoam de uma memória que reclama a posse de um Éden perdido.*

*PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Memória. Cordel.*

### 1. Introdução

As cartas são o veículo de uma comunicação importante entre seres que comungam de uma mesma aspiração. Elas transportam um discurso e ligam dois universos fronteiros que por oposição se separam, mas que fazem sentido pelo diálogo constante de suas aparentes diferenças. Por inúmeras razões, dá-se muita importância a quem está por trás destas cartas, ainda mais, quando o sentido veiculado por elas é de um remetente celeste, porém divino: Deus. E num mundo como o nosso que se mostra absurdo e aterrorizante, ela possui uma finalidade capital: trazer luz, iluminar, revelar.

---

\* Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello.

A epístola é um texto escrito em forma de carta, serve como correspondência entre pessoas, no entanto, distingue-se de uma mera carta (veículo de correspondência) porque expressa opiniões, manifestos e discussões para além de questões do interesse meramente pessoal ou utilitário. Escrita em estilo coloquial, ela combina paixões individuais e apelos intersubjetivos com o debate de temas abrangentes e abstratos. As epístolas são arquivos de memória que chamam a nossa atenção pelo seu valor histórico, literário, institucional ou documental.

Como uma espécie de literatura, o estilo epistolar de escritura era utilizado também como um recurso ficcional para narração de personagens num diálogo que se estendia do coletivo ao individual e que faz lembrar a enunciação dada através de cartas.

As epístolas sempre desempenharam a função de informar sobre os acontecimentos no mundo e com o Renascimento, houve uma grande expansão desse gênero pelos pensadores humanistas que antecederam o aparecimento da imprensa jornalística. No nosso século, com a propagação da imprensa e dos meios eletrônicos de escrita digital, as epístolas se revigoram, em outros moldes e com estilo ampliado, elas circulam entre os povos, no ambiente virtual, com som e imagens em movimento, e através de folhetos.

Dessa forma, buscaremos demonstrar que a carta/epístola, seja qual for o meio ou a configuração do suporte, é um gênero textual/discursivo que continua exercendo sua junção maior: ser correspondência entre universos fronteiriços. Correspondência destacada em nossa pesquisa a partir da relevância constatada do tema messiânico que atravessa e substancia a proliferação de imagens escatológicas que nos folhetos de cordel pressagiam o fim desse mundo.

## **2. Memória de travessia: as epístolas de destruição/salvação**

As frustrações geradas pelas experiências individuais e coletivas, nas diversas culturas, promovem a proliferação de discursos messiânicos, próprios de um processo impressionista de enunciação. Discursos veiculados por intermédio de cartas/epístolas que traçam um quadro particularmente sombrio da relação entre a humanidade e Deus.

Assim, chamamos epístolas do cordel um conjunto de cartas que se põem como sendo pronunciações de Deus via Seu representante, o poeta popular. Elas figuram como um

conjunto de luzes que pretendem iluminar o caminho para a salvação, sendo um portal de passagem de um conteúdo divino que faz sentido a partir do ideal de reatar seres de universos de existência diferentes. É um discurso necessário, diálogo saudável, na empreitada de unir, de uma vez por todas, o Criador e Suas criaturas.

Tênue diálogo é esse discurso, bem como o sujeito que é seu responsável. Perspicaz no dizer, é assim o mediador-anunciador dessa promessa-divina. Este é o ofício do profeta, escreve cartas que anunciam revelações futuras e se responsabiliza em disseminar seu conteúdo, a partir de uma logística de distribuição e circulação desses registros. Sua mensagem professa, mediada por palavras visivelmente criadoras de imagens expressas lingüisticamente ou por meio de pinturas e de desenhos. O sentido dessas cartas é sustentado por uma poética que busca restabelecer o elo perdido (*religere*) entre Deus e a humanidade (o enunciador/emissor/destinador e o enunciatário/receptor/destinatário), elo perdido ao longo dos tempos, mas que deve ser recuperado, se o conteúdo da revelação for compreendido e posto em prática pelos habitantes do plano terrestre.

Manifesto de sabedoria divina, ponte de ligação entre dois mundos, estas cartas são as chaves que abrem as portas para uma nova ordem de coisas. Um lugar santo e um povo santo, são anúncios de recompensa explícitos e implícitos nestas epístolas.

Com o suporte do papel, a carta/folheto transita entre sujeitos e, de mão em mão, informa e denuncia acerca dos atos da humanidade que são desaprovados por Deus. Nela, duas naturezas de elementos de imagem se entrecruzam: imagens figurativas e textuais. O primeiro elemento de imagem diz respeito a um conjunto de representações de linguagens apoiadas pela imagem visual (fotografias e xilogravuras). O segundo, por representações textuais. Ambos substanciam uma significação só alcançada pela união dos valores que se impõem nesta relação performática.

Neste espaço de significações, fundamental, também, são os valores mediados pelos personagens deste universo em que as cartas/folhetos figuram como epístolas do cordel. Elas parecem emergir do passado e trazem nas mãos do carteiro-poeta, ser de visão, sujeito futurista, uma memória viva pela força da imagem-lembrança de um povo nunca esquecido, de uma promessa de salvação para o futuro.

O porta-voz também é o escriba desse discurso divino e sua escrita-voz é arquivo mnemônico-messiânico.

Na carta há um texto e nele uma voz que não é possível ser dita sem mediadores. O Deus-Artista-Criador comunica por meio da arte do poeta popular e traduz em desenhos gráficos e acústicos o que tanto domina: a arte-técnica e poética de se fazer presente por meio da linguagem. E assim, por meio da linguagem, o artista também se torna espectador e acontecimento, registrados em folhetos da cultura popular nordestina que no século passado e neste século nos fazem lembrar que o milenarismo<sup>†</sup> é um arquétipo que se repete. Ele bate a nossa porta e ativa o nosso inconsciente coletivo, como sempre atualizado, impondo uma reflexão acerca do contexto que compreende, aproximadamente, os 33 anos que antecedem o ano 2000 e os 33 anos que se segue.

Nesta perspectiva, cabe-nos explicar que os arquétipos, como bem explica Durand (1998), “não são formas abstractas e estáticas, mas dinamismos figurativos, concavidades (ou moldes) que, necessariamente, se realizam e se preenchem” (p. 153). Uma forma preexistente, que habita num segundo sistema psíquico, defendido por Jung (2000) como sendo de natureza coletiva, não-pessoal, e que caminha de lado do nosso inconsciente individual. O autor enfatiza que “o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (p. 54).

Jung (1977) expõe ainda que diversos estudos já mostraram que “as mesmas formas simbólicas podem ser encontradas, sem sofrer qualquer mudança, nos ritos ou nos mitos de pequenas sociedades tribais ainda existentes nas fronteiras da nossa civilização” (p. 106). Isto demonstra que há conexões entre os valores que são veiculados e os símbolos que os representam desde o início de nossa história e que isso se repete para mostrar que também há conexão entre as diversas gerações humanas, porque os símbolos pertencem aos povos antigos e aos contemporâneos. Assim sendo,

a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de fazer símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E esta capacidade ainda continua a ter uma importância psíquica vital. Dependemos, muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por estes símbolos, e tanto a nossa atitude como o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas (p. 107)

---

<sup>†</sup> Segundo Georges Duby (1986), o milenarismo é uma doutrina religiosa extraída do livro do Apocalipse que anuncia o regresso de Jesus Cristo para a constituição de um novo reino com duração de mil anos.

Vemos, assim, que a essência ideológica do Ano Mil continua viva. O medo eminente de uma ameaça de destruição do mundo continua proporcionando a atualização de discursos messiânicos, arquetipicamente, esquematizados no nosso inconsciente coletivo. No espírito de diversas culturas, ele é fonte de reflexão e ponderação da manutenção de certos hábitos.

Esta imagem do Ano Mil, ou memória de uma época de expectativas em mudanças, se mantém pulsante, porque é sustentada pelo discurso bíblico que constantemente é atualizado e o atualiza. É um esquema que se molda a cada época, espaço e canal de veiculação, mas que instiga a mente humana por ser fonte de um poder de sedução que atrai tanto pelo pavor quanto pela esperança em um fim necessário para o mal e uma reconstrução de um mundo perfeito. Um imaginário que supre os anseios de uma consciência coletiva, fortemente arraigada por uma égide religiosa e cristã. Este anseio torna-se produtivo no meio em que fluem desejos (reprimidos), carências de todas as sortes e uma angústia derivada da observação de que há um desequilíbrio entre os seres: humanos e divindades.

Segundo Pitta (2005), o imaginário constitui a própria essência do espírito, sendo o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte, “à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (p. 15). A autora observa que esse plano de visão é derivado do pensamento de Durand (2002, p. 18), o qual explica que o termo imaginário compreende “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”. Por sua vez, o imaginário surge como o grande denominador fundamental onde estão contidas todas as criações do pensamento humano.

Para Durand (2002, p. 25), “uma fenomenologia do imaginário deve, antes de tudo, entregar-se com complacência às imagens”. Contudo, o autor relata que para as teorias intelectualistas, “a imagem não passa de um ‘impedimento’ para o processo ideativo (p. 28)”. Assim, ele chama a atenção para o equívoco dessa concepção de imagem, meramente empírica, tendendo à lógica, mas que se resume a um estreitamento do pensamento, pois pretende um pensamento sem imagem e isto não é possível, como já demonstrou Bachelard (1990).

Nesta perspectiva, Durand (1998), destacar o caráter simbólico do imaginário humano, verificado no “conjunto do discurso social, político, banal, ideológico etc de uma sociedade e de uma época” (p. 158). Ele também concebe a estrutura definida como a relação entre elementos, seus subsistemas. Além de ser infinita e repetida em todos os mitos da humanidade, desde o início da vida humana (DURAND, 2002).

Tendo como referência alguns destes postulados, percebemos que há, como sempre houve, um diálogo entre os seres que habitam o Céu e a Terra, além de uma cobrança de ambas as partes gerada pelo desequilíbrio na divisão dos bens espirituais e simbólicos por eles partilhados. No pensamento messiânico, homens e divindades reconhecem e valorizam os seus espaços e os bens que cada um possui ou não possui como, por exemplo, na passagem do Gênese que relata (faz lembrar) que a perda da perfeição humana, do Éden, foi de responsabilidade dos pioneiros humanos (Adão e Eva). Perda gerada pela desobediência e reconhecida pelos cristãos como uma lembrança necessária para a manutenção e o fortalecimento do discurso circular bíblico-pedagógico.

Isto é comprovado quando é constatado que a representação do passado é a manutenção da presença de uma coisa ausente, marcada pelo selo da anterioridade. Assim se impõe o testemunho, o relato de verdade em que a Bíblia e suas derivações são exemplos. Além do mais, poucos vão de encontro à verdade posta nas Escrituras Sagradas. Por esta razão, ela é documento, arquivo de uma memória, memória visitada com regularidade freqüente. E o seu leitor? Ele testemunha dessa verdade, defende-a e a dissemina. Conforme Ricœur (2007), a representação social considerada como um objeto privilegiado da explicação/compreensão se desdobra no plano da representação escriturária dos acontecimentos, é acontecimento de conjunturas e estruturas que pontuam o passado como histórico.

A lembrança é um objeto de busca constante e se faz a partir das recordações que objetivam remontar um plano de memória. Ricœur (2007) assevera que a lembrança encontrada e buscada, situa-se no cruzamento de uma semântica com uma pragmática. Assim sendo, lembrar-se é ter uma lembrança ou ir ao encontro de uma lembrança, desdobramentos de abordagens tanto cognitivas quanto pragmáticas e que visam incidir na pretensão da reconstrução de uma imagem factual do passado no presente, uma memória fiel em relação ao passado.

A representação do passado é em nós uma imagem. Somos representações de acontecimentos do passado e dele temos ou fazemos imagem(ns), quase visual(is) ou auditiva(s). Imagens que criam e dão sensação de duração, como continuação da existência. No entanto, estas imagens não são memória, elas trazem e dão validade à memória. Ricœur (2007, p. 25) explica que “é na [...] desvalorização da memória, nas margens de uma crítica da imaginação, que se deve proceder a uma dissociação da imaginação e da memória”, para ele, é sob o signo dessa associação de idéias que está situada uma espécie de curto-circuito entre memória e imaginação:

se essas duas afecções estão ligadas por contigüidade, evocar uma, portanto, imaginar, é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. Ora, a imaginação, considerada em si mesma, está situada na parte inferior da escala dos modos de conhecimento, na condição das afecções submetidas ao regime de encadeamento das coisas externas ao corpo humano.

Todavia, o autor sublinha que é na relação com a memória que a imaginação terá seu valor reconhecido, mas não assumindo a idéia de memória como modo de educação, usada para a memorização de textos, e sim pela sua função específica de memória como acesso ao passado. Para o autor, a memória é realidade anterior, a anterioridade que constitui a marca temporal, por excelência, da coisa lembrada, do lembrado como tal. Há, assim, uma referência ao tempo passado. A memória figura, então, como o passado no sentido platônico da presença do ausente, um passado-presente, uma imagem-lembrança, um tornar-se imagem: “processo de transformação da lembrança em imagem” (p. 26).

Na esteira deste raciocínio, logo reaparecem os documentos, os arquivos de memória, as epístolas do cordel. Estes arquivos-lembrança não são apenas textos, mas partículas de fé e de envolvimento entre os homens na cultura. Eles representam a esperança de uma vida melhor e da melhoria do outro, seu interlocutor. São discursos materializados e pautados nas práticas sociais que são atravessadas pela linguagem.

Para Achard (2007), são os operadores languageiros dispostos em uma situação dada que condicionam estes discursos numa regularidade enunciativa e numa oscilação entre o histórico e o lingüístico. Este entrecruzamento produz imagem, lembrança e, conseqüentemente, memória, que se associam num jogo de força simbólica que constitui o

espaço social. O autor nos faz enxergar em Davallon, que o aparecimento da imprensa proporcionou o desenvolvimento dos meios de registro impresso, fator que desloca a questão da memória social: ela não mais se encontra na cabeça dos indivíduos, seu espaço agora são as mídias. Para ele, os objetos culturais (livros, escritos etc.) são operadores de memória social, “trabalham no sentido de entrecruzar memória coletiva (lembrança, conservação do passado, foco da tradição, monumento de reminiscência) e história (quadro dos acontecimentos, conhecimento, documento histórico)” (p. 09). Por esta razão, Achard (2007) pontua que a memória não pode ser provada, mas deve ser trabalhada ao ser reenquadrada ao discurso concreto que encontramos para análise.

Observados de perto, estes discursos (arquivos-epístolas) são como vozes que falam de boas novas e que fazem um panorama performático dos sujeitos envolvidos neste contexto. Fala de acontecimentos e é acontecimento. O próprio arquivo é a sugestão de um dizer. Não é arquivo mudo, é voz sempre pronta, atualizada, para fazer sentido. Invade o espaço, sugere mudança, prega a desconfiança no Demônio e a esperança em Deus. Calcula com sutileza os desmanches desse mundo e traça em linha reta um plano de elaboração de um quadro-paisagem que pinta com as cores de um futuro promissor.

Estes arquivos messiânicos datam do início do século passado e por sua relevante recorrência ativaram o nosso interesse de estudo, o qual vem sendo desenvolvido com o auxílio da compilação de folhetos realizada pelo professor paraibano Átila de Almeida, no seu projeto de dá continuidade a criação de uma coleção de folhetos de cordel, anseio do seu pai, o historiador paraibano Horácio de Almeida.

Assim, como outros interessados pelos folhetos de cordel, a exemplo do professor francês Raymond Cantel, Átila de Almeida investiu boa parte de sua vida na criação de um acervo de folhetos de cordel que, entre outras obras raras, hoje compõem a Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. Nela, se destaca o que é hoje reconhecido como o segundo maior acervo de folhetos de cordel do Brasil, com aproximadamente 13 mil folhetos produzidos nos diversos estados nordestinos.

### **3. Conclusão**

A partir da observação desse acervo, que é uma amostra situada da grande produção de folhetos de cordel produzidos no nordeste, pudemos perceber que estes folhetos são

arquivos que guardam ideologias, fruto do imaginário religioso da cultura popular nordestina. Com uma produção ainda ativa, estes arquivos/cartas mantêm acesa a chama da fé cristã na sociedade que atualiza o milenarismo do século X para o século XX, século que antecede o segundo milênio, o século XXI.

Estas epístolas do cordel pressagiam um novo milênio e com ele reações de Deus para com as ações humanas. Dessa forma, um conjunto de sinais são destacados e utilizados com o ideal de fazer-ver a brevidade dos acontecimentos futuros. Acontecimentos que são gerados mediante o sentido ideológico que se forma do embate entre valores de renovação e recriação.

Por esta razão, chuvas torrenciais, secas devastadoras e a fome que mata homem e o gado, desequilibram a natureza humana e castiga o homem, principalmente, do campo que diz na voz direta: “o mundo está findando”. Para ele está tudo invertido, tudo mudado, não há como evitar tamanha destruição que se aproxima. A única solução é confiar no amor de um Deus-Pai, bom, que permitirá ao povo escolhido ser residente de um mundo novo que perdurará até o infinito dos tempos. Um mundo repleto de alegria, sem sofrimento, doenças e violência. Um mundo anunciado nas epístolas bíblicas e nas epístolas do cordel. Uma transformação contexto-temporal que visa uma transposição de valores, significativamente, organizados em versos, estrofes e com poucas rimas. Versos que pretendem vislumbrar, com seu conteúdo, as angústias de um povo crente na ideologia religiosa do cristianismo popular, base de fomentação e sustentação dessas produções discursivas enunciadas para fazer-creer na promessa divina.

Como é característico deste pensamento, a angústia, derivada de uma experiência de vida, sustentada pela carência e o sofrimento, promove a crença na lembrança de Deus, numa esperança de purificação e na salvação dos homens fiéis. Aqueles que sobrevivem pela fé de que, aos olhos de Deus, o mundo deve ser renovado. Renovação que, aos olhos do homem, é um signo de melhoramento, é esperança de uma vida de prosperidade, alegria e amor, compartilhados por um povo fiel.

O sujeito mediador é um homem de esperança, de fé, de respeito e devoção, que se põe como testemunha ocular do “desmantelo” que o mundo se encontra e que, por esta razão, se coloca a disposição de Deus para Lhe servir como profeta e escriba de Suas anunciações. Ele é quem escreve as cartas/epístolas (De:) Deus (Para:) à humanidade.

No plano semântico destas cartas/arquivos, a morte, não se opõe a vida, não é o fim de uma existência. A morte é a possibilidade de renovação, o recomeço da vida, uma vida nova, um percurso inverso, todavia, necessário para essa idealização que sugere que, para que haja a criação, a “ordem” segue rumo ao “caos”. E o resultado é uma criação posterior, uma recriação, uma Nova Ordem.

Um mundo paradisíaco, assim, é aguardado por toda a humanidade, lembrado a cada mil anos e guardado no inconsciente coletivo de uma memória que se faz lembrar pela escritura das vozes dos folhetos de cordel configurados como epístolas que se atualizaram para trazer e fazer sentido no nosso milênio.

## Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre. (Org). **Papel da memória**. 2. Ed. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

BACHELARD, Gaston. **O materialismo racional**. Lisboa: edições 70, 1990.

DUBY, Georges. **O ano mil**. São Paulo: Edições 70, 1989.

DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: editora da UNICAMP, 2007.